

EDITORIAL

<https://doi.org/10.5935/2176-3038.20250010>

Esdras Guerreiro Vasconcellos¹

Se há precariedade básica, há, também, efeitos nocivos inevitáveis?

O presente número do Boletim da Academia Paulista de Psicologia apresenta-lhes três focos distintos de reflexão que podem ser lidos como *entrelaçados entre si* e, ao mesmo tempo, com todos os demais. Uma gestalt holográfica permeia os nove artigos dessa edição.

Sobre o **acolhimento contra a agressão externa** podemos ler nos três primeiros artigos.

Na reflexão trazida no artigo de abertura, com o título **“A esperança de adolescentes em situação de acolhimento: revisão sistemática”** que leva a assinatura das colegas **Cláudia Yaísa Gonçalves da Silva**, Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica, Pesquisadora de Pós-Doutorado no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) e **Ivonise Fernandes da Motta**, Psicóloga, Professora Livre Docente do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) é apontado que o acolhimento de crianças e adolescentes que vivem sob cuidados institucionais pode trazer-lhes de volta a esperança que almejavam ter antes de serem afetados pela violência externa. Essa conclusão eles formulam após lerem e analisarem os resultados de 13 pesquisas sobre o tema publicados em periódicos científicos de Psicologia entre 2010 e 2020. Para se saber quanto violência gera violência, os colegas **Alfredo Mendes Chaves**, Psicólogo, Mestre e doutorando pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP; **Andrés Eduardo Aguirre Antúnez**, Professor Associado III e Livre docente pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP, Coordenador do Laboratório de Saúde Mental Multimétodo – Labsamm – USP; **Giselle Pianowski**, Professora, Doutora no Departamento de Psicologia da Universidade São Francisco – USF; **Thaís Cristina Marques-Reis**, Professora, Doutora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e **Ariane Voltolini Paião**, Psicóloga, Mestranda pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, recomendam a aplicação combinada de dois testes psicológicos. Eles escrevem em seu artigo com o título **“Agressividade em universitários borderline avaliada pelo R-PAS”** que a verificação de aspectos agressivos incorporados na estrutura de personalidade de estudantes universitários com Transtorno de Personalidade Borderline pode ser feita com mais eficiência, se juntamente com o renomado Teste de Rorschach, for aplicado o Teste R-PAS, uma vez que esse consegue captar os *“...modos indiretos da expressão agressiva”*. É presumível que a agressão da violência externa, à qual se refere o primeiro artigo, se não for acolhida adequadamente pode ancorar-se na estrutura de personalidade. Esse tema vem sendo, atualmente, amplamente discutido, uma vez que a série *“Adolescência”*, na Netflix, alcançou audiência mundial e aponta, dentre outros fatores, a progressão da agressão no ambiente doméstico em crianças em idade escolar. Essa interessante série mostra também os efeitos nocivos do *Bullying* e das Redes Sociais. No terceiro momento, são as autoras **Patrícia Vaz de Lessa**, Universidade Estadual de Londrina, Estado do Paraná, Brasil e **Marilene Proença Rebello de Souza**, Titular Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, membro da Academia Paulista de Psicologia, ocupando a Cadeira 2, que no artigo **“Avaliação Psicológica Interventiva: escolarização e o desenvolvimento de Funções Psicológicas Superiores”** apontam a função da escola em desenvolver nas crianças e adolescentes funções mais elevadas de vida. Conforme mencionamos acima, na referida série a violência doméstica se solidifica na escola levando um adolescente a um comportamento criminoso. O quarto e o quinto artigo vão abordar o papel da mãe e do pai em duas situações distintas: as autoras **Ana Paula Sesti Becker**, Doutora e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Psicóloga clínica relacional e familiar sistêmica pelo Instituto Familiar e Professora universitária e de Pós-graduação e **Maria Aparecida Crepaldi**, Doutora

1 Instituto de Psicologia - USP e Membro da Academia Paulista de Psicologia ocupando a Cadeira nº 10.

em Saúde Mental pela UNICAMP, Pós-Doutora pela Universidade do Québec em Montréal – UQAM e pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP), Psicóloga clínica especialista em Terapia Relacional Sistêmica pelo IFT/São Paulo e APRTF/Paris, em Psicologia Clínica Infantil pelo HC/USP, em Psicodrama pelo IPRP/SP, em Terapias Narrativas e Trabalho Comunitário, Professora Titular aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina e Professora voluntária da UFSC, Sócia-fundadora do Instituto Familiar Sistêmico, em seu artigo **“Padrões intergeracionais do Apego na vivência da parentalidade”** citam existir um padrão intergeracional no comportamento de mães e pais observado em filhos entre zero e seis anos. Segundo os autores *“as mães relataram disciplinar mais os filhos do que os pais”* que se ocupam, então, de *“...atividades lúdicas e de incentivo à autonomia”*.

A diferença de papéis demonstrada pelos dois gêneros é observada também na demonstração de emoções diante de perdas significativas. As autoras **Beatriz dos Santos Silva**, Psicóloga Residente do Programa Multiprofissional Integrada em Saúde da Mulher do Hospital das Clínicas - Universidade Federal de Pernambuco; **Érika Neves de Barros**, Mestrado em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira – IMIP, Psicóloga Hospitalar e preceptora de estágio e residência no Hospital das Clínicas de Pernambuco HC-UFPE e **Paula Jaeger Tenório**, Mestrado em Saúde Integral pelo Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira – IMIP, Psicóloga hospitalar e preceptora de estágio e residência no Hospital das Clínicas HC-UFPE intitulam seu artigo **“Perda Gestacional: vivências de luto para casais”**. Eles observam que *“o luto paterno é socialmente invisibilizado”* e *“...é esperado que os homens anulem sua dor para apoiar suas companheiras”* quando estas *“...tendem a expressar seus sentimentos de forma mais aberta”*. Ora, sabemos, sobejamente, como essa repressão nos homens pode gerar comportamentos de agressão ocultos e até de feminicídio. **Psicologia no Brasil, Formação em Residência Psicológica, Preferência teórica de estudantes e Psicólogos Clínicos**, bem como a **Regulação emocional em estudantes de Psicologia** são os temas que abordarão os demais artigos desta edição:

As autoras **Francielle de Souza Lopes**, Graduanda em Psicologia, jornalista pelo Centro Universitário Dinâmica das Cataratas, Foz do Iguaçu – PR; **Nandra Soares**, Mestre em Desenvolvimento Comunitário, Doutoranda em Educação, Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dinâmica das Cataratas, Foz do Iguaçu, PR e **Monica Augusta Mombelli**, Doutora em Saúde Pública, Docente do curso de Medicina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, PR, Brasil mostram um panorama nacional sobre o ensino da disciplina Prática da Psicologia Baseada em Evidência (PPBE) – título do artigo **“Prática baseada em evidência nos cursos de Psicologia no Brasil: um estudo documental”** - e demonstram que é no Sudeste onde essa disciplina é menos ministrada (1,23%), enquanto no Sul (2,01%) onde ela mais aparece no currículo dos cursos universitários. No entanto, no panorama geral, os índices são excessivamente baixos e *“a maioria dos cursos não oferta essa disciplina”*.

Homero Artur Belloni Silva, Universidade Estadual de Londrina, Londrina – Paraná e **Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis**, Docente da Universidade Estadual de Londrina, demonstram que a Psicanálise é o método teórico preferido pelos estudantes de Psicologia, como também pelos Psicólogos formados em seus primeiros anos de atividade clínica: **“Psicanálise, graduação e pós-graduação: um estudo exploratório com psicólogos recém-graduados”**.

No que tange a formação em Residência Multiprofissional os autores **Luiz Henrique Bezerra**, Psicólogo, residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Criança e do Adolescente pelas Faculdades Pequeno Príncipe (FPP), Curitiba, Paraná e **Bruno Jardini Mäder**, Psicólogo, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná no artigo **“Relato de experiência em um grupo de ouvidores de vozes em um centro de atenção psicossocial infantojuvenil”** descrevem a necessidade

de melhor formação no manejo das crises de alucinações auditivas de crianças e jovens e quais “...*habilidades teórico-práticas um programa de residência*” precisa oferecer. Voltados para os psicólogos em formação também é o tema do nono artigo desta edição. Os autores **Jéferson Pereira Batista**, Bacharel em Psicologia FACISA/UFRN, Caicó, RN, Brasil; **Vanda Silva de Araújo**, Bacharel em Psicologia FACISA/UFRN, Santa Cruz, RN, Brasil; **Emily O’hanna de Oliveira Silva**, Bacharel em Psicologia pela FACISA/UFRN, Santa Cruz, RN, Brasil; **Gênnife Sonayrne Silva de Oliveira**, Santa Cruz, RN, Brasil e **Maria José Nunes Gadelha**, Psicóloga, Doutora, Professora adjunta do curso de Psicologia da FACISA/UFRN, Avenida Rio Branco, S/N, Centro, Santa Cruz, RN se ocupam da Regulação Emocional dos universitários no contexto de crise da Covid-19 e constatam que a intervenção e treinamento com a Terapia do Esquema muito pode ajudar esse grupo. O artigo **“Terapia do esquema emocional on-line para estudantes universitários: protocolo de intervenção grupal”** cuida das “relações parcimoniosas com as emoções” por parte dos colegas psicólogos.

Desejando a todos os leitores uma agradável e produtiva leitura.

Cordialmente,

Dr^a. Marilda Emmanuel Novaes Lipp – Editora

Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos – Editor